

Malan revê metas com FMI

BRASÍLIA E FRANKFURT – Longe de ser um abandono do acordo selado com o Fundo Monetário Internacional, para a obtenção de um empréstimo de US\$ 41,5 bilhões, a flutuação do câmbio brasileiro teve como base o próprio compromisso assumido com o FMI. Segundo o documento assinado pela equipe econômica, o Brasil não poderia deixar suas reservas cambiais baixarem de US\$ 20 bilhões, volume suficiente para cobrir quatro meses de importações. A decisão do Banco Central ocorreu num momento delicado, em que as reservas estavam prestes a baixar de US\$ 30 bilhões e havia grande pressão sobre a moeda, devido à desvalorização parcial promovida na quarta-feira.

Do lado da balança comercial, o acordo traz embutido um superávit de US\$ 2,8 bilhões em 1999, cifra a ser obtida, até então, sem alteração da política cambial. Com a mudança de rumo, esse superávit terá que ser rediscutido. Esses números e metas serão os principais tópicos que o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente do Banco Central, Francisco Lopes, terão que esclarecer nos encontros deste fim de semana com autoridades dos Estados Unidos e do FMI.

A crise no Brasil roubou as atenções do encontro entre representantes de países europeus e asiáticos, realizado entre sexta-feira e ontem em Frankfurt, na Alemanha. A proposta de ja-

poneses, franceses e alemães, que envolve a criação de um sistema para estabilizar os mercados de câmbio, foi recebida com reservas e acabou ofuscada pelas conversas sobre os desdobramentos da turbulência na América Latina. Representantes dos países do Grupo dos Sete (G-7) teriam um encontro à parte, ontem à noite, para discutir especificamente a questão brasileira.

“Estes têm sido indubitablemente tempos difíceis para a economia global. A crise que começou na Ásia e depois chegou à Rússia agora atingiu a América Latina”, afirmou o ministro das Finanças britânico, Gordon Brown, em entrevista à BBC.